



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

O CAMPO ESCOLAR: A HIGIENIZAÇÃO DE CORPOS NAS ESCOLAS DA CIDADE DE PATOS-PB (1932-1945)

Erik Alves Amarante

Orientador: Prof. Dr. Azemar dos Santos Junior

Faculdades Integradas de Patos (FIP) erikhistoriador@gmail.com

Este artigo tem por objetivo analisar, no contexto das modernizações e dos ares higienistas que se iniciaram nas décadas do século XX, as práticas de modelações do corpo e da mente de crianças e jovens que atuaram como agentes propagadores desses discursos na cidade de Patos-PB dentre os anos de 1932-1945. Tendo como eixo norteador o entendimento das práticas médicas no espaço escolar, buscamos perceber, como esses discursos circulavam juntamente com algumas práticas pedagógicas. Para tanto, garimpamos a documentação dos arquivos do *Colégio Cristo Rei* e *Colégio Diocesano* de Patos, ambas instituições citadas em vários manuais didáticos, revistas que circulavam no período estudado. Sobre elas, buscamos dialogar, como os preceitos pedagógicos eram veiculados pelos médicos nesse período e postos em prática por professores e professoras. Através do saber médico-pedagógico, e o diálogo viabilizado pela História Cultural, buscamos entender como as diversas categorias sociais reagiram a esse processo, pensados por muitos, como uma prática civilizatória.

Palavras-chave: Medicalização, educação e disciplina.



INTRODUÇÃO.

No início do século XX, muitos foram às ações educativas utilizados por um grupo de médicos e intelectuais na intenção de chamar a atenção da população para uma educação higiênica dos costumes que começavam a ganhar espaço em cidades, ruas, casas e escolas da cidade de Patos.

As tentativas de combater a falta de higiene e os maus odores remontam ao século XIX, quando, por meio da *Repartição de Higiene* instaurou-se uma política policialesca, o que, na prática, não se efetivou. Só a partir da década de 1920, teve início um discurso pedagógico para a prática da higienização escolar, os cuidados com o corpo e a disciplinarização dos costumes. Assim, esta pesquisa almeja analisar como o saber médico-pedagógico circulou no meio escolar lançando nessas instituições novos princípios de higiene e cuidados com o corpo. Busco observar como os preceitos pedagógicos eram veiculados pelos médicos em periódicos e postos em prática por professores e professoras em algumas escolas da cidade de Patos – PB, e, como as diversas categorias sociais reagiram a esse processo.

Um processo que ficou nacionalmente conhecido como medicalização escolar, ou mesmo, a disciplinarização do corpo e da mente a partir de diversos dispositivos midiáticos colocado à disposição da sociedade, a exemplo do cinema, da imprensa e de sua influência no espaço citadino dos anos 1920 em diante (Cf. LOURO, 2011, p. 426). Tratava-se a instituição de pedagogias capazes de modelar o corpo e mente a partir da infância.

Essa discussão ganha força na Paraíba desde a década de 1920, porém ganha visibilidade no interior do estado, em especial na cidade sertaneja de Patos, na década seguinte. As disciplinas de higiene e educação física que faziam parte do currículo escolar desde 1913 (Cf. SOARES JUNIOR, 2011), efetivam seu direito dentre as outras matérias apenas em 1932. Os médicos passam a frequentar a escola não apenas como reivindicação, mas como função de seu ofício no mesmo período. Nesse sentido, esse projeto tem a finalidade de entender como se deu esse processo da cidade de Patos, considerada capital do sertão paraibano.

O período que vai de 1932 a 1945 pode ser considerado pela historiografia brasileira acerca do tema como auge da educação higiênica e disciplinadora da população patoense e, desta forma, justifico meu recorte temporal para essa pesquisa. A escola passou a energizar os corpos para render fisicamente mais. Os manuais de instrução de higiene – jornais, revistas, panfletos, livros, cadernetas, anotações didáticas e etc. - determinavam a forma de assear as



unhas, manter os cabelos impecáveis, higienizar o corpo, manter limpas as fardas e roupas, dentre outras instruções. Escola e higiene passaram a cruzar seus caminhos, especialmente, no que diz respeito à modelação dos corpos por meio da educação física. Tinha origem, assim, uma pedagogia com suas práticas discursivas e institucionais levadas a termo a partir das décadas de 1920 com seus sujeitos e redes de sociabilidades, que confiou tal projeto à imprensa e à escola como forma de organização e disciplinarização da vida social.

Vale ressaltar que dentre as principais preocupações presentes nos discursos médicos encontramos aquelas direcionadas à higiene e à educação física na intenção de desenvolver “moços e moças que desejam ser fortes e bons, cidadãos dignos e homens à altura das necessidades e do futuro de sua grandiosa e afflictiva nacionalidade” (A Imprensa, 21 set. 1916). Preocupação esta, que despertava aquilo que Tarcísio Mauro Vago (2002) chamou de “cultivo de corpos” através da escola; ou mesmo, o desenvolvimento do “caráter disciplinador que se anunciava nos ingredientes de cunho moralizador colocados em circulação nos conteúdos e práticas educacionais modeladas por uma pedagogia considerada científica, racional e Modernidade (LINHARES, 2009, p. 75).

O tema da pesquisa liga-se diretamente a meu trabalho de conclusão de curso intitulado “A (re)invenção de uma experiência na capital do sertão (1913-1945)”, defendida em ocasião da conclusão do curso de História da Faculdade Integrada de Patos (FIP), em que analisei os discursos médicos voltadas a higiene da Paraíba. Os resultados da pesquisa suscitaram questões que ora demandam e estimulam uma nova pesquisa: como aquele modelo de educação higiênica chegou até as escolas da cidade de Patos? Por que a educação física passou a ser uma disciplina instituída para lapidar e disciplinar os corpos? Qual o interesse dos médicos em escrever manuais que normatizam a higiene dos corpos de homens e mulheres? São estes alguns dos questionamentos que levanto para problematizar o tema.

Três fatores são relevantes nessa decisão: o primeiro diz respeito aos preceitos de higiene que estavam sendo implementados pela Comissão de Profilaxia Rural após a Reforma Sanitária de 1918, atuando através de uma educação higiênica; o segundo, baseado nos padrões eugênicos da época, que lançavam normas determinantes para os cuidados com a saúde e a higiene, e, por fim, a percepção da complexidade dos fenômenos humanos nos mais diversos recônditos, tornando-se uma tarefa instigante para qualquer historiador.

No decorrer de minha formação acadêmica, debruicei-me sobre leituras que contemplavam o tema da História da Educação, da Medicalização do corpo e da História da



Saúde e das Doenças. Nesse cenário, hoje bastante contemplado pela História Cultural, pude encontrar caminhos que me levaram à pesquisa acerca da higiene. Logo, um leque de possibilidades se abriu a minha frente, tornando possível ver várias outras pesquisas que na Paraíba ainda não haviam sido exploradas. Certificando-me da farta documentação, bem como das inúmeras leituras sobre o tema, senti-me encorajado a estudar a higienização e seu processo de construção em outros segmentos, sendo agora, nesta pesquisa, privilegiadas duas escolas da cidade de Patos: ¹Colégio Cristo Rei e Colégio Diocesano de Patos. Ambas mencionadas pelos jornais, revistas e relatórios locais.

São muitos os trabalhos que tratam do tema da instrução pública na Paraíba, porém, nenhum deles contempla a temática da higienização de corpos nas escolas da cidade sertaneja de Patos através da implantação das disciplinas de Higiene e Educação Física². Com isso, pretendo fazer uma leitura sobre os padrões de saúde que encontraram na educação novas formas de sensibilidade, uma das suas principais motivações, agrupando uma gama de saberes e práticas.

Trata-se de uma pesquisa nova sobre a temática, no que diz respeito à cidade de Patos-PB, especificamente, por almejar estudar a higiene como parte do projeto de educação escolar com inúmeras dimensões práticas e saberes. Tais dimensões ganharam relevância no currículo escolar na perspectiva de tentar colocar em prática um projeto de formação realçando outras formas de conceber o mundo da escolarização, a exemplo da introdução da higiene.

O recorte cronológico desta pesquisa tem seu início no ano de 1932, momento em que tem início a circulação do manual pedagógico intitulado Revista do Ensino, durante a Era Vargas, momento esse em que se passa a circular na cidade de Patos, panfletos e jornais que discutiam a necessidade de uma sociedade e uma educação voltada para esses hábitos e a forte defesa da disciplina de educação física no currículo escolar, e finda em 1945, ano que a circulação das Revistas do Ensino param deixam de fundamentar o discurso da eugenuização, bem como, o marco desse discurso nas escolas investigadas, ano em que as últimas determinações sobre a higiene nas escolas perdem corpo nesse periódico. Portanto, trata-se de um período que tem início com o sentido de modernidade que cresce no meio educacional e

¹ Fundado em 25 de outubro de 1935 por ocasião da festa de Cristo Rei. Foi a primeira escola da cidade de Patos a adotar as disciplinas de Higiene e Educação Física.

² Nesse leque de possibilidades, destaco a dissertação do Prof. Azemar dos Santos Soares Júnior, intitulada “Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)”.



chega até o fim da chamada Era Vargas, que mobiliza, na Paraíba médicos e educadores para uma cruzada higiênica. A minha intenção é problematizar esse costurar de normas e discursos publicados e colocados em prática pelos educadores, além de, refletir sobre a sociedade patoense que recebia essa educação. Vale ainda ressaltar, que esse período, é marcado pela forte influência/permanência dos médicos nessas duas escolas privadas e católicas da cidade de Patos.

METODOLOGIA

Partindo do princípio de que a História Cultural é a mais eclética tanto no plano coletivo como no individual, e, que lança seu olhar sobre todos os aspectos da vida humana, envolvendo qualquer ação, afetividade, individualidade, etc., podendo ser objeto de problematização (Cf. BURKE, 2008, p. 68), é que posicione essa pesquisa como uma particularidade da História da Educação vinculada a História Cultural. Posicionar essa pesquisa no campo da História da Educação Brasileira, e, particularmente, paraibana se legitima por observar como ocorreram mudanças e transformações na forma de conduzir a educação. Estudar a introdução das disciplinas de higiene e educação física nas escolas de Ensino Primário na cidade de Patos, se justifica a medida que se observa uma grande lacuna acerca do tema. A maior parte dos trabalhos produzidos sobre as escolas paraibanas versam sobre o sentido do passado da educação escolar nos séculos XIX e XX, porém, poucos são aqueles específicos sobre o projeto de educação da saúde defendido para as escolas. O que existe são textos de alguns estudiosos que se dedicaram a entender aspectos da saúde na educação, a exemplo, da pesquisa sobre o “sorriso e os cuidados com a higiene bucal nos gabinetes dentários escolares” desenvolvidos por Iranilson Buriti de Oliveira (2012), a dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba intitulada “Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)” de Azemar dos Santos Soares Júnior; bem como, duas pesquisas em andamento, a primeira do mesmo pesquisador sobre a formação de corpos vigorosos através da higiene e educação física na Paraíba e o segundo sobre a Educação Física nas escolas de Campina Grande, desenvolvida por Alexandro dos Santos.

A medicalização social diz respeito ao “processo pelo qual os indivíduos são levados a se submeter à normalização médica, de uma forma que qualquer aspecto de suas vidas se torna possível a ser regulado pelo discurso médico” (HORA, 2000, p. 03). A vida passa a ser disciplinada pela ordem médica, em termos de saúde e doença, uma ordem dotada de



racionalidade própria, onde circula um conjunto de representações que faz perceber determinados fenômenos, aqui, especificamente, na educação. Essa ação só pode ser visualizada na Paraíba no início do século XX, através dos registros de ações decisivas para conduzir a população a uma educação higiênica. Com a institucionalização do Serviço de Higiene Pública em 1911, teve início um trabalho de divulgação de práticas higiênicas através dos jornais que circulavam na capital da Paraíba (cf. SÁ, 1999). Vale ressaltar que esse trabalho de educação via jornal estava limitado aos momentos de epidemias, a exemplo da peste bubônica em Campina Grande no ano de 1912 (cf. OLIVEIRA, 2009; SOARES JR, 2010), além de atender apenas uma pequena elite que tinha acesso a esses periódicos. Só em 1916, é possível verificar novas perspectivas sobre a educação higiênica, pois as atenções – olhos e discursos médicos – se voltam para os grupos escolares.

No que diz respeito ao campo pedagógico, por exemplo, pouco se tem atentado para o papel histórico do saber-poder médico na constituição política brasileira como estratégia de hegemonia e para o quanto esse saber gera matrizes norteadoras de determinados fenômenos (cf. FOUCAULT, 2009). Vale salientar que a higienização social passava pela educação do corpo no âmbito escolar, “efetivando-se através de exercícios físicos, ginástica, cantos, jogos, e conhecimento sobre o corpo e seu funcionamento” (OLIVEIRA & PYKOSZ, 2009, p. 136), e esses saberes sociais convergiram para a consolidação do campo da educação física como área de conhecimento no Brasil desde o século XIX (cf. PAIVA, 2003). Porém na Paraíba, só se efetivou em 1916 nas escolas privadas e a partir da década de 1920 nas escolas públicas.

José Gondra (2004) postulou ser a escola, no século XIX, um local por direito de disseminação de doutrina. Mas, foi nas três primeiras décadas do século XX, que médicos e educadores deram as mãos para colocar em prática a cruzada higiênica que começava a ganhar forma, especialmente com a renovação pedagógica, o surgimento da Escola Nova, das Escolas Normais, etc., que viam na instrução pública um espaço doutrinador do corpo. Os novos preceitos passavam a ser divulgados pelos professores, modelando os hábitos e os preceitos higiênicos. Assim, a medicina passou a medicalizar o social, ou seja, “ela ganhou uma função política de criação e transmissão de normas – uma função de direção intelectual e moral” (HORA, 2009, p. 01).

A escola passou a ser um dos domínios modelados, a exemplo da criação de disciplinas nos currículos, com a educação física, e, especialmente, no que diz respeito à formação de professores primários. O tema da higienização mirou-se nos alunos do ensino



primário, pois, acreditava-se ser mais difícil ensinar novos hábitos aos adultos; seguindo a recomendação da Fundação Rockefeller: investir nas crianças. A medicina passou a ganhar espaço dentro das escolas, tendo como foco a escola primária como principal local de atuação do serviço profilático. Combatia-se não apenas o mal estado sanitário das ruas e casas, mas também do ambiente escolar, nos jardins de infância.

O ensino de higiene segundo Maria Stephanou (2000, p. 6) adotou o lema “saúde pela educação”, ou seja, o forte incentivo do cultivar em si um asseio, um modo de viver, uma nova forma de cada um prestar mais atenção em si mesmo. Uma nova individualidade passou a ser exercitada na escola, assim como um outro saber, outras relações com o próprio corpo, sua aparência, a saúde, as doenças e as diversas formas de curá-las, a alimentação. Houve uma insistência médica em incorporar a higiene no currículo escolar.

Na historiografia paraibana, o tema da higienização nas escolas é escasso e bastante recente. Pouco é encontrado sobre ele. Destaco a produção de Iranilson Buriti de Oliveira (2008) sobre as práticas médico-higienistas e educação primária na cidade de Campina Grande e Paloma Porto Silva (2010) com as práticas discursivas em torno da educação também na cidade de Campina Grande. Como constatamos, são abordagens que têm fomentado um espaço de debate em crescimento e tem favorecido o campo de pesquisas na Paraíba. Ainda existe um grande silêncio sobre a higienização, mais especificamente nas escolas, por isso, a perspectiva desse projeto é que os episódios descritos aqui sejam analisados e resignificados, mostrando a poderosa complexidade deste emaranhado de discursos e práticas higiênico-educativas.

DISCUSSÃO

Com o surgimento das novas abordagens no campo da História da Educação Brasileira ocorrida na década de 1990 tornou-se possível produzir uma história da educação liberta do exclusivismo das “ideias pedagógicas” conforme afirma Pinheiro (2011, p. 252). Assim, diversas práticas como hábitos, costumes, posturas, dentre outras, são culturalmente informadas para que possam fazer sentido num determinado contexto social, uma possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos que legitimam os comportamentos sociais.

Portanto, buscamos nas fontes - lugar de jogo de sentidos e passível de interpretação – entender como as crianças do ensino primário foram medicalizadas nas escolas da Paraíba.

Dessa forma, proponho buscar o contexto da produção textual, pois, entendo que os escritos não são um mero jogo de palavras escolhidas a esmo. Existe um interdiscurso que guia os dizeres, que fala antes. Para cada dito, encontramos uma série de não-ditos (cf. FERRO, 1989). Refletir sobre as motivações destes silêncios é outra contribuição que a Análise do Discurso traz para o desenvolvimento do trabalho (cf. ORLANDI, 2003, p. 72).

Dentre estas fontes, gostaria de destacar a importância do jornal A União, que representa algo que é fundamental na comunidade imaginada: o sentimento de simultaneidade com um grande número de pessoas, de quem você sabe da existência, mas não conhece. As notícias veiculadas por este periódico diário eram lidas, ouvidas e debatidas pelos mais diferentes sujeitos sociais, garantindo que “a ficção se infiltra contínua e silenciosamente na realidade criando aquela admirável confiança da comunidade no anonimato que constituiu a marca registrada das nações modernas” (ANDERSON, 2008, p. 69). Vale salientar que o jornal A União, por ser parte do governo estadual, era o único em circulação na cidade de Patos nesse recorte.

Porém, as principais fontes para essa pesquisa encontram-se nos arquivos das escolas em análise. São atas, regimento interno, cadernetas pedagógicas, boletins médicos, atestados físicos e mentais, a Revista Diocesana, o pronunciamento dos padres, dentre outros. Como as escolas eram de doutrina católica, parte da documentação está no Arquivo da Diocese de Patos, disponível para consulta.

Soma-se ainda, fontes de circulação estadual que podem ser feitas em arquivos e bibliotecas que tenham informações sobre a temática. Neste momento, podem ser citados: A Biblioteca Central da UFPB, em especial a Seção de Coleções Especiais e, dentro desta, a Coleção Paraibana composta, além de livros raros, de folhetos e jornais; a Biblioteca Irineu Ferreira Pinto do Instituto Histórico Geográfico Paraibano; o Arquivo Público do Estado da Paraíba; o Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba, o Arquivo do Colégio Cristo Rei e o Arquivo Átila de Almeida.

Parte das fontes já se encontra em minha posse é o caso das Revistas do Ensino publicadas pelo Departamento de Educação do Estado da Paraíba nos anos de 1932 a 1942. Nessas revistas, foram publicadas normas de conduta, formação para professores, técnicas de higienização, exercícios práticos de educação física e boletins eugênicos. Uma documentação até então não explorada para essa temática. Disponho de cópias dos originais que se encontram no Arquivo Átila de Almeida. Também, estou de posse das reportagens publicadas



nos jornais A Imprensa e A União durante o período que vai de 1932 a 1942, gentilmente cedidas por pesquisadores da temática. São documentos que chamam a atenção pela divulgação da educação física em algumas escolas da Paraíba, assim como para a formação dos professores no tema da higienização e da ginástica. Destaco, ainda, os Boletins de Educação que apresentavam os dados estatísticos referentes à quantidade de alunos que se submetiam ao ensino de educação física, à educação higiênica e a algumas mudanças “para atingir a civilidade”.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

O diálogo, entre médicos e professores, durante os anos de 1932 e 1945, na cidade de Patos, e nas escolas estudadas, Colégio Diocesano e Colégio Cristo Rei, foi uma realidade existente, ambas atuaram, juntamente com os agentes da saúde, no combate aos corpos e nas suas modelações, escrevendo sobre esse espaço, os novos signos da modernidade, alunos, médicos e, sobretudo, professores, deveriam estar atentos aos novos rumos do processo, ditado pelo discurso da saúde. Sendo assim, o campo escolar, seria o lugar mais apropriado para esse discurso, pois era nesse lugar, onde se encontrava o maior número de sujeito aptos para receber essa ação. Tínhamos sobre esse lugar, corpos abertos para a introjeção do discurso sanitarista, por meio da disciplinarização.

É sobre essas escolas, que podemos perceber a educação dos sentidos, onde os alunos passavam pela domesticação de suas sensibilidades, por meio dos vários anúncio escolares, sobre a necessidade de uma boa alimentação, discutindo sobre esses a consequência de uma boa alimentação no desenvolvimento corporal do sujeito, bem como, a necessidade de uma domesticação do corpo, por meio das aulas de Educação Física, que tornava-se uma aliança implacável nesse processo. Buscavam trabalhar o desenvolvimento corporal, modelando e disciplinado os jovens, sobre o discurso do novo espaço Patonse, que tentava igualar-se ao restante dos espaços citandinos modernizado. Sendo assim, essas escolas, abraçaram a causa e diariamente buscavam silenciar o corpo sujo, feio e impróprio, atuando em um processo de reciclagem deste corpo, uma vez que a pureza e a saúde estavam finalmente no espaço escolar como uma forma de eugenismo radical que vinha sendo, gradativamente, introduzido no espaço patonse e por fim, no campo educacional.

Os agentes educacionais deveriam produzir o máximo de corpos saudável e reciclar tudo o que fosse possível. Tudo, no corpo, desses sujeitos (alunos) deveria ser resignificado. Aqueles que parecem ter características físicas interessantes, deveria servir de exemplos, os



quais, por vezes, passavam à atuar juntamente com os professores, nesse processo, aqueles que não era de característica, saudável, deveria passar pelo processo da reciclagem de seu corpo, nada de corpo, mente ou alma desalinhada, ou mesmo, distante desse dialogo saneador. Os professores, por sua vez, agiam como uma espécie de vigilante, estavam em suas mãos essa responsabilidade, que por meio de suas práticas educativas, deveria disciplinar e ordenar seus alunos ao progresso necessário, para o nosso espaço social que estava por vir, criando assim, sujeitos saudáveis e alertados para o nosso dialogo que saudavam os tempos da modernidade.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Erik Alves. *Corpo, espaço e modernidade: a (re)invenção de uma experiência na Capital do Sertão*. Patos Paraíba. FIP. 2011.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CASTRO, Oscar Oliveira de. *Medicina na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1945.

ESPÍRITO, Poli Marcelino. *Estudo sobre as condições dos alunos do Colégio Elementar Paula Soares*. Porto Alegre: Globo, 1936.

FERREIRA, Antonio Gomes. Modernidade, higiene e controle médico da infância e da escola. In: ALMEIDA (Org.). *Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas*. Campinas: Alínea, p. 97-111, 2007.

FERRO, Marc. *A história vigiada*. Tradução de Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GONDRA, José. *Artes de civilizar. Medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2004.

HORA, Deyse Martins. *Medicalização, Escola Nova e Modernização da nação (1930-1945)*. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames. Acesso em 10 out. 2010.



LINHARES, M.A.. A escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Belo Horizonte, 2006, Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MOULLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: PORTO, Sergio Dayrell. O jornal: da forma ao sentido. 2 ed. Brasília: UNB, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas, SP: 2003

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. Alfabetizando a Rainha com o bisturi do progresso: práticas médico-higienistas e educação primária em Campina Grande (1920-1940). *Jornal Brasileiro de História da Medicina*, v. 12, p. 60, 2008.

OLIVEIRA, Marcus Taborda de; PYKOSZ, Lausane C.. A higiene como tempo e lugar da educação do corpo. *Currículo sem fronteiras*, v. 9, n. 1, p.135-158, jan/jun., 2009.

PAIVA, F. S. L.. Sobre o pensamento médico higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidades para o engendramento do campo da educação física no Brasil. Belo Horizonte, 2003, 229 p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro. Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba. São Paulo: Autores Associados, 2002.

SÁ, Lenilde Duarte. Parahyba: uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Hygiene Pública, 1895 a 1918. Ribeirão Preto, 1999, 291 p. Tese (Doutorado em Enfermagem), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

SILVA, Paloma Porto. (Des)alinhando alguns fios da modernidade pedagógica: um estudo sobre a educação infantil em Campina Grande - PB (1919 a 1945). João Pessoa, 2010, 140 p. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.

SOARES JR, Azemar dos Santos. A “mão negra” do destino: presença da peste bubônica em Campina Grande (1912). In: XII Encontro Estadual de História do Ceará, 12, 2010, Crato: Editora UFC, p. 01-10.

STEPHANOU, Maria. Formar o cidadão física e moralmente: médicos, mestres e crianças na escola elementar. Educação, Subjetividade & Poder. Porto Alegre, n. 3, p. 59-66, jan/jun., 1996.

_____. Saúde pela educação. Escolarização e didatização de saberes médicos na primeira metade do século XX. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/114_maria_ste.pdf. Acesso em: 11 out. 2010.

VAGO, Tarcisio Mauro. Cultura escolar, cultura de corpos. São Paulo: USP, 2002.